

A poética mística do Dom

Mystic poetics of the Don

João Luiz Correia Júnior
UNICAP-PE, Brasil.

Resumo

Os escritos de Dom Helder Camara compõem um legado que está sendo estudado no mundo acadêmico. Muitos artigos e livros estão surgindo a partir dessa pesquisa. O presente artigo é um recorte dessa pesquisa, ressaltando a poética de Dom Helder. Nosso objetivo é abordar a dimensão mística, com suas repercussões práticas na opção evangélica pelos pobres, e na promoção da justiça e da paz. Trata-se de um trabalho bibliográfico que se fundamenta nos próprios escritos de Dom Helder, a partir do olhar sobre alguns de seus poemas.

Abstract

The writings of Don Helder Camara compose a legacy that is being studied in the academic world. Many articles and books are springing up from this research. The present article is an excerpt of this research, emphasizing the poetics of Don Helder. Our goal is to approach the mystical dimension with its practical repercussions on the evangelical option for the poor, and the promotion of justice and peace. It is a bibliographical work that is based on Don Helder's writings from the perspective of some his poems.

Palavras-chave

Literatura.
Teologia.
Mistagogia.
Eclesiologia.
Helder Camara.

Keywords

Literature.
Theology.
Mistagogy.
Ecclesiology.
Helder Camara.

Introdução

Dom Helder Pessoa Camara (07/02/09 - 27/08/99) era um homem da palavra, oral e escrita, numa profunda coerência com o seu testemunho de vida. Em seus inúmeros escritos, ele nos deixou um legado que pode ser apreciado e ou estudado por meio de várias abordagens. Uma delas, naturalmente, é a abordagem literária, que observa os requintes estéticos do texto, as palavras bem escolhidas, as imagens retiradas do cotidiano e transformadas em metáforas, para expressar um sentido e transmitir uma mensagem que toque a sensibilidade do leitor.

O Dom, como era carinhosamente chamado por seus amigos, desenvolveu esse dom de escrever, tanto em prosa como em verso. Seus textos, em forma de crônica, carta, homilia, oração, lançam - de fato - um olhar sobre a cidade, em seu cotidiano social, político, econômico, cultural e eclesial. Problemas cruciais desse contexto, tais como repressão política, distanciamento cada vez maior entre ricos e pobres, violação dos direitos humanos, conflitos dentro da Igreja entre conservadores e progressistas, concepções diferentes do ponto de vista teológico e eclesiológico, perseguições e ameaças veladas ou escancaradas publicamente, sentimentos diversos que vão da tristeza profunda à euforia, são aspectos que podem ser observados nas linhas e entrelinhas da poética do Dom.

A partir dessa abordagem literária, na brevidade deste artigo será apresentado um recorte dessa poética, que revelam: a mística de Dom Helder, dentro da espiritualidade genuinamente cristã; a sensibilidade dele para com os pobres, uma de suas opções preferenciais durante todo o ministério de padre e de bispo; a promoção da justiça e da paz, por meio da não violência ativa.

Breves comentários sobre o texto poético selecionado será acrescentado, ressaltando-se aspectos literários e teológicos, além de alguns esclarecimentos sobre o contexto histórico em que o texto foi escrito, a partir de bibliografia apropriada.

A mística do Dom

Dom Helder foi e continua sendo um referencial para muitas pessoas que cultivam uma mística engajada socialmente, comprometida politicamente com a

causa dos pobres, com os Direitos inalienáveis da pessoa humana, com a promoção da Justiça e da Paz.

Como afirmou o teólogo José Comblin, seu contemporâneo, “Dom Helder foi, antes de tudo, um místico”¹. Antes de ser padre ou bispo, antes de ser o guia da Igreja no Brasil, antes de ser o defensor dos pobres, antes de ser o promotor da Justiça e dos direitos humanos contra toda opressão, ele foi um místico, e tudo isso foram apenas circunstâncias em que teve que viver a sua mística. O testemunho de sua vida mística está nas milhares de páginas que escreveu. Daí pode-se constatar que a vida do Dom estava absorvida em Deus. Enxergava tudo em Deus e a partir de Deus (COMBLIN, 2002, p. 29).

Por meio desses escritos, pode-se apreciar belíssimos textos poéticos, em prosa e em verso, que expressam a intensidade da experiência mística do Dom. Ele próprio escreveu: “Graças a Deus, a Vigília e a Santa Missa enquadram tudo em perspectivas de eternidade. É tão bom mergulhar no santo sacrifício. Tudo adquire o valor real e o tamanho verdadeiro” (CAMARA, 2009, vol. I, tomo I, p. 199).

Em sua mística, o Dom tira proveito para mensurar continuamente o real tamanho dos problemas que enfrenta, colocando tudo em perspectiva de eternidade. Além disso, aguça a sensibilidade para enxergar a realidade impactante das pessoas empobrecidas:

Celebrei a Missa de Cristo Rei.
Claro que Ele é Rei.
Mas de uma realeza tão diferente,
que eu me angustio ao ver que,
de certo modo,
exploramos a realeza d’Ele
para justificar, inconscientemente, a nossa.

Durante a Missa, pensei o tempo todo
no pobre Rei, com estopa nas costas
e coroadado de espinhos.
[...]

¹ Uma pessoa mística é alguém que, ao longo da vida, desenvolve as seguintes características:
a) cultiva uma relação de encantamento com o mistério que perpassa a vida pessoal, interpessoal, comunitária, social, ambiental e cósmica;
b) sente e saboreia a presença de Algo Maior, divino, maravilhoso, que tudo perpassa;
c) mantém, de forma disciplinada, profunda relação de intimidade e confiança com esse Mistério Maior que tudo perpassa, por meio da oração, meditação e contemplação;
d) alimenta-se, o tempo todo, da força, do poder, da energia vital que emana desse Mistério Maior;
e) encontra serenidade em meio à crise, sabedoria em meio às vicissitudes da vida, bem como sentido em meio aos limites e à finitude da existência pessoal.

Durante a Missa, fiquei repetindo, baixinho:
“Meu pobre Rei: para mim, você é Luciano”.
Luciano é um pobre que lembra ao vivo
Jesus Cristo.
Dependesse de mim e criaríamos uma festa nova:
De “Cristo servidor e pobre”.
(CAMARA, 2009, vol. I, tomo I, p. 238).²

Dom Helder expressa bem seu estado d’alma, vivido ao longo do dia e refletido nos momentos de intimidade amorosa com Deus, em suas vigílias de oração, reflexão e contemplação. E o fazia, como ele próprio declara, inspirado na mística de Jesus³:

A Vigília [...] é um mistério tão grande! Talvez ainda seja em louvor das Vigílias do Filho de Deus (e que maravilhosas Vigílias foram as de Cristo, mais unido do que nunca ao Pai Celeste, louvando, agradecendo, pedindo perdão, suplicando!) que as Vigílias ajudam tanto a ver claro, a ver largo, a esquecer os miúdos problemas pessoais pelas grandes necessidades dos homens e pelo louvor à Santíssima Trindade [...] E afinal quem reza em nós e conosco é Ele mesmo... (CAMARA, 2009, vol. I, tomo I, p. 281).

As vigílias do Dom ajudam a mergulhar na mística cristã. E o fez, naturalmente, dentro do ambiente eclesial de sua tradição católica. É o que se percebe no poema, a seguir:

Mil razões para viver

Faze com alma
o que na vida
te for dado fazer.
Mas não esqueças nunca
de integrar-te
nos grandes planos de Deus.

Vive o mistério da Criação
fazendo de cada dia
um cântico das criaturas
e tendo a confiante audácia
de exercer
tua incrível missão
de co-criador.

Vive o mistério da Encarnação Redentora

² Este trecho da Carta Circular foi escrito originalmente em prosa. Está aqui transcrito em verso para ressaltar a beleza poética do escrito.

³ Na narrativa do Evangelho segundo Marcos, após o primeiro dia de atividade missionária, encontramos Jesus, de madrugada, ainda escuro, retirando-se para um lugar solitário, “e ali orava” (Mc 1,35).

Imitando o Filho de Deus
Que se esqueceu de Si
- de Sua glória, de Seu poder -
para assumir, de cheio,
os problemas dos homens
de quem se fez irmão.

Vive o mistério da Eucaristia
unindo-te às Missas
que restabelecem
o equilíbrio do mundo
e sabendo
que só se une ao Cristo,
na Comunhão,
quem se torna um
com seus irmãos.
(CAMARA, 1978, p. 11).

A partir dessa experiência mística, o Dom foi encontrando sentido para a vida e razões para viver. Essa experiência, poeticamente escrita em prosa e em verso, pode ser interpretada como belo itinerário de fé para quem deseja mergulhar no mistério da mística cristã, na imitação de Cristo, em busca da comunhão e da unidade com todos os irmãos, a humanidade inteira.

Dentro da mística cristã, a devoção a Maria ocupou um lugar de destaque na experiência de Dom Helder. Há um singelo livro de poemas dedicados a ela: “Nossa Senhora no meu caminho”. Um desses poemas expressa a mística mariana do Dom; trata-se de um colóquio de profunda intimidade com Maria, a quem trata carinhosamente de “mãe”:

*Mãe, não quero nada
vim apenas te ver.*

Não leves a mal
que eu esqueça
os pedidos que me fizeram
para eu te fazer.
Não é egoísmo, Senhora,
e a prova é que não farei também
nenhum pedido para mim,
nem desejo serenar-me,
contemplando teu rosto sereno.

Em nome de todos os homens
que vivem te suplicando,
em nome de todos os irmãos
que já se aproximam de ti
de mãos estendidas,

deixa que esqueça um momento
o vale de lágrimas,
a terra das tristezas,
nossa miséria de mendigos,
nossa pobreza de criaturas,
nossa tristeza de pecadores,
para saudar-te,
Rainha dos Anjos,
Virgem-Mãe de Deus!

Bendito seja o Criador
de tuas mãos sem mancha
por onde passa toda a luz
que tomba sobre a escuridão dos homens!

Bendito seja o Criador
de teu olhar boníssimo
que tem o dom
de acender a esperança
nas almas desalentadas,
nos corações em desespero,
à beira do abismo,
do irremediável,
do fim!

Bendito o Criador
de tua sombra suavíssima
pois já notei,
Mãe querida,
que basta a tua lembrança,
o teu perfume
para encher a solidão da vida
a solidão do homem.
Mãe, não quero nada.
Vim apenas te ver.⁴
(CAMARA, 1981, p. 42-43)

Numa perspectiva mística que acolhe pessoas normalmente excluídas da convivência dos cristãos, Dom Helder acrescentou à Ladainha de Nossa Senhora, algumas invocações que, no mínimo, nos interpelam à compaixão. O poema é intitulado “Mais invocações para a interminável ladainha”:

Deixa que eu acrescente
algumas invocações
à nossa Ladainha:
Nossa Senhora dos apóstatas,
Rainha dos hereges,
Mãe dos judeus,

⁴ Poema escrito no Rio de Janeiro, em 15 ago. 1946.

Esperança do Concílio Ecumênico,
roga por nós...

Flor dos tímidos,
Alento dos convalescentes,
Sono dos insones,
Sossego dos alucinados,
roga por nós...

Mãe das prostitutas
Salvação dos cínicos,
Defesa dos hipócritas,
Amparo dos mentirosos,
roga por nós...
(CAMARA, 1981, p. 47).

A mística de Dom Helder, como é natural em todas as pessoas, teve como ponto de partida o lugar sociorreligioso e cultural em que fora educado. Ele foi um cristão católico que se tornou padre e bispo dessa Igreja. Mas é importante salientar que ele, como católico, no sentido literal da palavra, tinha consciência aberta ao “universal”. No que se refere à mística, o Dom deixou claro que essa experiência não está circunscrita apenas às pessoas de pertença religiosa cristã e católica. Basta desenvolver a sensibilidade, a admiração e o amor pelo belo para encontrar-se “a um palmo de Deus”:

É uma graça divina ser sensível à beleza. Mesmo quem se julgue ateu e se ache de todo afastado de qualquer prática religiosa, desde que ame a beleza, está a um palmo de Deus.
(CAMARA, 2009, vol. I, tomo I, p. 212).

Da sensibilidade em apreciar o belo, um convite para, de algum modo, viver o mistério da Criação:

Vive o mistério da Criação
fazendo de cada dia
um cântico das criaturas
e tendo a confiante audácia
de exercer
tua incrível missão de co-criador.
(CAMARA, 1978, p. 48).

E, por meio desse convite para viver o mistério da criação, Dom Helder sugere silenciar a fim de escutar a voz do Deus... Contudo, chama a atenção para um ruído que abafa, por completo, a voz divina:

O Ruído
que impede de ouvir
a voz de Deus
não é
de modo algum
o vozerio dos homens,
o trepidar das cidades
e, ainda menos,
o agitar dos ventos
ou o marulho das águas...

O ruído
que abafa de todo
a voz divina
é o tumulto interior
do amor-próprio que estremece,
das desconfianças que se agitam,
da ambição que não dorme...
(CAMARA, 1978, p. 73).

Como se percebe nesses poemas, a mística de Dom Helder foi um caminho de autoconsciência para que, ao longo de sua vida, fosse dizendo “sim” ao Plano de Deus, atento cada vez mais ao clamor dos pobres e à causa da Justiça, na promoção da Paz.

A opção evangélica pelos pobres

A opção de Dom Helder pelos pobres não foi um mero assistencialismo sentimental. Trata-se de algo que surge do mais profundo, a partir de dois níveis de consciência interligados: a) o nível da consciência crítica, aguçada em meio às condições sub-humanas de miséria a que estavam, e ainda estão submetidas, milhares de pessoas no Brasil, na América Latina, como de resto na maior parte de nossa casa comum, a terra; b) o nível da consciência religiosa, aguçada pela mística da fé em Jesus Cristo, em sua prática misericordiosa para com os pobres do seu contexto histórico.

De acordo com a teóloga Ivone Gebara, Dom Helder demonstrou estar convencido de que nem só de pão vive o ser humano embora a fome de pão e de terra sejam as formas de fome que mais matam os pobres. Por isso, era preciso, em primeiro lugar, partilhar seu pão, multiplica-lo, erradicar a miséria, acabar com a fome, arma geradora de violência. Era preciso proteger a vida dos pequenos e dos

perseguidos. Era preciso dar-lhes abrigo e protege-los contra os poderes arbitrários. Era preciso denunciar seus algozes e os cúmplices da opressão. Foi contra esta fome de múltiplos rostos que Dom Helder lutou. É essa miséria que desumaniza e oprime que ele sonhou erradicar da face da terra (GEBARA, In: ROCHA, p. 169-170)

Nos poemas do Dom, a sensibilidade pelo sofrimento humano na pessoa do pobre permeia cada estrofe, cada verso, cada palavra muito bem garimpada do árido chão da realidade, para instigar meditação. Por isso, deixemo-nos questionar por esse poema abaixo:

Já viste
 criatura humana
 que de tão magra
 dê a impressão
 de que os ossos a cada instante
 vão rasgar a pele?
 Já viste
 rosto humano dando em vida
 a impressão de caveira?
 Recife, 2/3.3.65
 (CAMARA, 2009, vol. II, tomo II, p. 238).

Sim! A opção pelos pobres é fruto desse ver criticamente a realidade, desse olhar profundo sobre as pessoas que perambulam em nossa cidade, enxergando a sua real situação. O corpo esquelético e o rosto desfigurados dos pobres causam em Dom Helder uma tal indignação que o leva a questionar o próprio Deus:

Ando engasgado, Senhor
 comigo mesmo,
 Tu sabes que tua Graça
 me leva a aceitar no escuro
 tuas vontades,
 tuas preferências,
 teus caprichos...
 Mas esse pobre Povo,
 imagem viva de teu Filho,
 precisas ter clemência!
 Tu achas mesmo, Pai,
 que minha Gente
 ainda suporta
 fome sobre fome,
 seca sobre seca!?
 Recife, 4/5.3.65
 (CAMARA, 2009, vol. II, tomo II, p. 244).

Esse pobre povo que Dom Helder chama de “minha gente” não suporta mais tanto sofrimento: “fome sobre fome, seca sobre seca”. Tal situação é insustentável, prenúncio de incêndios vorazes, dentro em breve...

Os pobres homens famintos
ficaram nos meus olhos.
Suas vozes
inusitadamente agressivas
reclamando salários não pagos,
dias de trabalho perdidos
fome, fome, fome
pareceram-me prenúncio
de incêndio próximo...
Recife, 5.3.65
(CAMARA, 2009, vol. II, tomo II, p. 244).

Quem vê em profundidade a real situação dos pobres é capaz de sofrer com eles, é capaz de sentir na própria pele a paixão (o sofrimento) desse povo. Esse sentimento é chamado de “compaixão”.

Compaixão não é “pena”, um mero sentimentalismo estéril, que comove, mas não move a nada. Compaixão, ao contrário, leva necessariamente à ação solidária com o intuito de fazer algo pelo outro. Compaixão, dessa forma, arranca-nos necessariamente de nossa zona de conforto, interpelando-nos a fazer algo na perspectiva de mudar a situação. É algo que pode se considerar como subversão, pois subverte o que está previamente instalado.

A compaixão solidária para com os pobres, desse modo, tem o poder de subverter a ordem. Pode levar a mudanças, às vezes até radicais, pois: a) leva à consciência crítica dos que sofrem; b) desperta e aguça o desejo de mudança de quem se sente à margem da vida; c) preocupa os que estão confortavelmente instalados, locupletando-se da situação, em prol de seus próprios interesses e de seus familiares e ou correligionários.

O sentimento de compaixão é doloroso internamente, perigoso externamente, mas imperioso socialmente. Contudo, vale a pena se deixar conduzir por ele, pois, ao final, deparamo-nos com um sentimento bastante consolador: a alegria...

Já tiveste a alegria
de arrancar algum espinho
encravado
em algum pé?

Já tiveste a alegria
de arrancar algum espinho
encravado
em algum coração?
Recife, 2/3.3.1965
(CAMARA, 2009, vol. II, tomo II, p. 237).

O encontro pessoal com os pobres, motivado pelo sentimento de compaixão, causa em Dom Helder um grande júbilo. Isso fica evidente em poemas que expressam seu entusiasmo pela proximidade e convivência com os preferidos de Deus. Após ter sido empossado da missão episcopal frente à Arquidiocese de Olinda e Recife, o Dom escreveu:

Estou felicíssimo.
Teus pobres descobriram
nosso Palácio.
Entram sem medo.
Pisam firme
como quem entra na própria casa.
Espalham-se
pelas salas numerosas.
Sentem-se à vontade.
Ri a mais não poder
encontrando um velhinho
sentado, tranquilo,
no trono
que não quis ocupar.
Nunca entendi tanto
O Cristo Rei.
Recife, 18/19.4.1964
(CAMARA, 2009, vol. II, tomo I, p. 20-21).

“Estou felicíssimo”. Essa expressão do Dom não é mera retórica poética; denota algo que permeia a mística do Dom: sua compaixão solidária para com os pobres, para quem dirige sua missão episcopal, lhe dá grande consolação, profunda alegria. São, portanto, os pobres, muito bem acolhidos: em “nosso palácio”, os pobres de Deus “entram firme como quem entra na própria casa”.

O Dom não só abriu as portas do Palácio Episcopal para receber os desafortunados que vivem em casebres (“mocambos”), como aceitava convite para ir à casa dessas pessoas empobrecidas:

No casebre miserável
“mocambo” como se diz aqui
o pobre me convidou
para o almoço.

Não estivesse tão acompanhado
e ficaria.
Que teria ele
no barraco, sórdido,
metido na lama,
para oferecer?...
Pergunto por perguntar.
Ele apenas te emprestou os lábios.
O convite partiu de Ti:
o anfitrião
eras Tu.
Recife, 18/19. 04. 1964.
(CAMARA, 2009, vol. II, tomo I, p. 21).

Por meio da inserção na vida dos pobres da Arquidiocese, Dom Helder foi conhecendo não só o seu sofrimento, mas também foi descobrindo as suas formas de celebrar a vida, por meio de inúmeras expressões culturais. Uma delas, talvez a mais importante festa popular de Olinda e Recife, encantou o Dom: o Carnaval⁵. Nesse próximo poema em forma de oração, surpreendentemente o Dom suplica a Deus para que não chova durante os festejos carnavalescos, a fim de não estragar “a alegria-triste de meu povo sofredor”:

Chuva no Carnaval
Não estragues, Senhor,
as fantasias
de meu povo pobre
que se sacrifica
meses inteiros
pela ilusão destes dias!...
Não estragues a alegria-triste
de meu povo sofredor
que se agarra ao Carnaval
como quem tenta esquecer
a vida impossível!...
Chove aqui dentro.
Inunda o meu quarto.
Afoga o meu corpo.
Gela a minh'alma.
Mas deixa à minha gente
a embriaguez do frevo,
a loucura da alegria coletiva!
Recife, 1/2.3.65
(CAMARA, 2009, vol. II, tomo II, p. 232).

⁵ Dom Helder gostava do Carnaval, a grande festa popular do seu povo de Olinda e Recife... Ele, por sinal, aniversaria nesse período: 07 de fevereiro. Seu aniversário é celebrado, até hoje, num bloco carnavalesco que sai todo ano da Igreja das Fronteiras, local de sua última residência.

Por meio da inserção cada vez profunda na vida dos pobres, Dom Helder foi se interessando em descobrir as causas da pobreza e buscar, de alguma forma, fazer algo pelas pessoas empobrecidas.

Segundo depoimento do teólogo peruano Gustavo Gutiérrez, Dom Helder chamava a pobreza de “violência número um”, provocadora das outras violências: a contra-violência armada e a repressão por parte do poder. Processo perverso que ele designava com o nome de “espiral da violência”, título do livro que ele publicou em francês e em espanhol, em 1970⁶. Para quebrar esse círculo vicioso, Dom Helder propôs a não violência como forma mais adequada e menos custosa, humanamente falando, de obter as mudanças necessárias, tendo como inspiração os princípios bíblicos que não separa paz e justiça. Somente um empenho sério em superar a pobreza, caldo de cultura de outras violências, pode assegurar o estabelecimento da paz duradoura (GUTIÉRREZ, 1999, p. 151).

A promoção da Justiça e da Paz

O engajamento de Dom Helder em prol da justiça e da paz se enraizava na experiência mística de intimidade com Deus e na compaixão solidária para com os excluídos da vida, os pobres. Isso causava admiração em muitas pessoas que o conheciam de perto, ou que ouviam falar dele, à distância. O teólogo sul-africano, Albert Nolan, deu o seguinte depoimento a respeito dele:

Dom Helder Camara representava para nós o bispo “da justiça” cujas ações se enraizavam na oração. Havia outros, mas o que ouvíamos a seu respeito era que se levantava às duas da madrugada e passava várias horas em oração, antes de lançar-se às tarefas diárias em benefício dos pobres. E isso nos impressionava profundamente (NOLAN, 1999, p. 54).

“Os pobres” são, concretamente, seres humanos empobrecidos pelo sistema econômico vigente, baseado na acumulação do capital nas mãos de grupos cada vez mais poderosos e minoritários. São eles, de fato, um clamor silencioso que serve de interpelação à consciência para que, por questão de justiça, sintam-se o desejo de

⁶ CAMARA, Dom Helder. Spirale de violence. Paris: Desclée de Brouwer, 1970. Em espanhol: Espiral de violencia. Salamanca: Sigueme, 1970.

promover um novo sistema socioeconômico em que todos (não apenas uma minoria privilegiada) tenham acesso à vida com dignidade.

O senso de Justiça é cultivado, portanto, quando se percebe que não é justo permanecer essa desigualdade social entre ricos e pobres. Nesse sentido, exclama Dom Helder, num inquietante poema intitulado “Ai dos saciados!”:

Tenho pena, Senhor,
dos que têm fome
e mais pena ainda
dos saciados,
que morrem de fastio e de tédio...

[...]

Quem sabe, hoje mesmo a morte chega e de nada valerão, do lado de lá, todos os créditos nos Bancos da Terra, todas as cadernetas de cheques que levar consigo...

Tenho pena, Senhor
dos sem-casa, dos sem-abrigo,
e mais pena ainda
dos instalados,
dos enraizados
que fizeram da Terra
morada permanente...

[...]

Feliz de quem guarda a lembrança de que estamos em marcha, em caminhada, e de que, casa mesmo, casa perene, casa eterna, só quando chegarmos à Casa do Pai!

Quem vive à luz desta verdade faz tudo para que não falte a ninguém um teto humilde e um catre onde repousar o corpo cansado!...

Tenho pena, Senhor,
dos que Te procuram
tateando na sombra,
mas tenho mais pena ainda
de quem se basta,
não precisa de Ti,
se crendo um super-Deus...

[...]

Afligem-me, Senhor, os que de tal modo se bastam, e se julgam seguros e fortes, que nem precisam de Ti.

Perdoa-lhe a insensatez: mais fraqueza do que maldade. És grande demais, Senhor, e sobretudo és bom demais para desceres a mesquinhas de vinganças! Atravessa-te no caminho deles... Pai é Pai, e és Pai de todos nós!

(CAMARA, 1985, p. 112-113).

O senso de justiça, conforme se percebe nas entrelinhas do poema do Dom, não deve redundar em revolta, vingança, porque para os discípulos de Jesus, todos os humanos são filhos do mesmo Pai. Trata-se de uma consciência aguçada, que deve

levar à indignação ética capaz de provocar um engajamento em prol do bem comum, no intuito de promover mudanças radicais nas estruturas socioeconômicas injustas.

A paz promovida por Dom Helder é consequência, portanto, dessa prática em prol do bem comum. Não é a paz de cemitério, imposta de fora para dentro pela “polícia pacificadora”. Mas a paz interior proveniente da sintonia com o Projeto do “Pai”. É a paz de quem se deixa possuir pelo mesmo espírito que guiou Jesus, tornando-se misticamente outro Cristo:

Vem, Senhor, Vem!
 Não te peço a vinda à terra
 - onde chagas em cada Missa,
 Onde estás em cada Sacrário,
 Onde vives em cada Pobre...
 Não te peço a vinda a mim
 pois desde o batismo
 somos um.
 A vinda que Te peço hoje
 é a tua vinda
 à tona de meus olhos,
 de meus ouvidos,
 de meus lábios,
 de minhas mãos...
 Vê através de mim.
 Escuta comigo.
 Fala pelos meus lábios.
 Age por minhas mãos.
 (CAMARA, 1978, p. 101).

Nos poemas místicos do Dom, permeia nas entrelinhas uma urgência pela promoção da justiça e da paz: a causa do pobre, a miséria em que milhões de pessoas estão submetidas no mundo inteiro:

Já não aguento, Pai
 ver tanta miséria,
 ouvir tanto lamento.
 Sabes
 que comida
 perde, dia a dia,
 qualquer sombra de interesse
 para quem carrega nos olhos
 as imagens que eu carrego,
 para quem guarda nos ouvidos
 as vozes que registro para sempre...
 Estou quase pedindo
 que o teu Filho
 - um comigo -
 recomece os milagres,

com pena da multidão,
Perigo de humildade?
ser-lhe-ia tão fácil
amarrar meu orgulho...
Afinal,
Vale ou não vale
Ser um com Ele?...
(CAMARA, Vol. II, Tomo II, 2009, p. 193).

Talvez, por conta dessa urgência, Dom Helder tenha sido um grande incentivador da Comissão de Justiça e Paz na Igreja Católica. O Dom chamava a Comissão de “o braço político da Igreja”. Na arquidiocese de Olinda e Recife tinha os seguintes objetivos: ajudar a defender a pessoa humana, em todas as suas dimensões, e, de modo especial, os pobres, oprimidos e marginalizados; colaborar na organização e conscientização das comunidades, para que se organizem e lutem pelos seus direitos; apoiar os trabalhadores em suas lutas reivindicatórias, através dos sindicatos, órgãos e associações das várias categorias; denunciar o sistema sócio-político, pelo seu caráter oligárquico, concentrador de riquezas e gerador de injustiças; colaborar com a Igreja local para fazer a leitura da realidade e ter uma visão evangélica dos acontecimentos, isto é, uma tentativa de interpretação cristã dos acontecimentos (PINHEIRO, 1999, p. 83).

Conclusão

Este artigo é uma singela homenagem, carregada de gratidão a Dom Helder Camara, que deixou o legado de milhares de páginas escritas, com requintes poéticos, palavras muito bem escolhidas, em prosa e em verso, para expressar sentimentos profundos, ressonância interior do que captava ao seu redor, no contexto histórico em que vivia.

Muitos desses poemas revelam a alma de um místico, sensível à percepção do Mistério que tudo perpassa, na busca constante de viver em comunhão com todas as criaturas, com o ecossistema e com o universo inteiro:

A Comunhão
que dura o dia inteiro,
me põe
em contato íntimo e profundo
com todas as criaturas humanas.

Rio-me das barreiras
 de língua, de raça, de crença,
 de ideologia...
 A comunhão
 me solidariza
 com a Criação inteira.
 Sou cidadão de Marte e de Saturno,
 ligado
 a todas as estrelas,
 a todas as águas,
 a todas as pedras,
 a todas as plantas,
 a todos os animais.
 Aos espaços
 e aos vazios,
 à luz e à sombra
 ao ruído e ao silêncio,
 à virtude e ao pecado!
 Nenhum limite!
 Nenhuma restrição.
 Vou aonde vais
 no afã de vencer o múltiplo,
 incorporando-o ao *Um!*
 (CAMARA, 1978, p. 96).

Além da contemplação, a poética mística do Dom revelam uma urgência inquietante. De fato, segundo a mística cristã, este é o tempo da revelação final de Deus na história, apocalipse; é o tempo da graça, *kairós*. Por isso não se pode ficar parado. É necessário agir, colaborando com a Providência divina. Nesse contexto, é preciso repartir o pão porque os famintos não podem esperar... É urgente repartir justiça, porque há irmãos oprimidos cansados de tanto esperar... Que o digam milhares de presidiários esperando julgamento, que não vem...

Reparte teu pão
 porque há irmãos famintos
 que não podem esperar...
 Reparte justiça
 porque há irmãos oprimidos
 cansados de tanto esperar...
 Reparte amor
 porque a Terra inteira
 anda sedenta
 de compreensão
 e de amor-Amor...
 (CAMARA, 1978, p. 100)

Numa leitura atenta aos escritos do Dom, saboreando a sua poética, tem-se um verdadeiro itinerário místico, apropriado para a contemporaneidade. Não se trata de uma mística cristã arcaica, em que se precisa esforços hermenêuticos para se tirar algum proveito, mas de uma mística atual, bem apropriada ao tempo que se chama hoje.

Referências

CAMARA, Helder. *Mil razões para viver: meditação do Padre José*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. 101 p.

CAMARA, Helder. *Nossa Senhora no meu caminho*. São Paulo: Paulinas, 1981. 100 p.

CAMARA, Helder. *Um olhar sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985. 144 p.

CAMARA, Helder. *Circulares Conciliares: de 13/14 de outubro de 1962 a março de 1964*. Recife: CEPE, 2009. Vol. I, Tomo I. 431 p.

CAMARA, Helder. *Circulares Interconciliares: de 23/24 de novembro de 1964 a 17/18 de abril de 1965*. Recife: CEPE, 2009. Vol. II, Tomo I. 354 p.

CAMARA, Helder. *Circulares Interconciliares: de 23/24 de novembro de 1964 a 17/18 de abril de 1965*. Recife: CEPE, 2009. Vol. II, Tomo II. 354 p.

COMBLIN, José. Espiritualidade de Dom Helder. In: MONTENEGRO, Antonio; SOARES, Edla; TEDESCO, Alcides (Org.). *Dom Helder: peregrino da utopia*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2002, p. 29-42.

GEBARA, Ivone. D. Helder, sinal da glória de Deus. in: ROCHA, Zildo (Org). *Helder, o Dom: uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil*. São Paulo: Vozes, 1999, p. 166-170.

GUTIÉRREZ, Gustavo. Contra toda esperança. In: ROCHA, Zildo (Org.). *Helder, o Dom: uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil*. São Paulo: Vozes, 1999, p. 148-156.

NOLAN, Albert. Eles me chamam de comunista. In: ROCHA, Zildo (Org). *Helder, o Dom: uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil*. São Paulo: Vozes, 1999, p. 53-55.

PINHEIRO, Ernane. Dom Helder Camara como arcebispo de Olinda e Recife (1964-1985). in: ROCHA, Zildo (Org). *Helder, o Dom: uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil*. São Paulo: Vozes, 1999, p. 77-87.

Trabalho submetido em 10/05/2018.

Aceito em 07/05/2018.

João Luiz Correia Júnior

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professor dos Programas de Teologia e Ciências da Religião, na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). E-mail: joaluizcorreia@uol.com.br